

Coluna do Castello

Como o Congresso deu a partida

Brasília — Apesar das apreensões com a situação política, não faltou um certo clima de festa na instalação do novo Congresso e muita ebulição nas reuniões de bancadas e nos encontros informais das principais figuras e das representações dos grandes Estados que proliferaram na cidade. Cerca da metade da Câmara foi renovada e do terço do Senado submetido às urnas a maioria é de novos.

Começando pelas apreensões, elas resultam principalmente da convicção generalizada entre políticos de ambas as correntes, mas notadamente entre os dirigentes da Oposição, representada pelo presidente do partido e pelos Governadores eleitos de São Paulo e Minas Gerais, de que a guerra sucessória se tornou ostensiva nas denúncias graves que envolveram a empresa Delfin e o jornalista Baumgarten. Ambos os episódios seriam, na avaliação dos políticos, escaramuças bastante pesadas da guerra de bastidores em torno de uma sucessão para cuja deflagração o Presidente da República prometera marcar dia e hora.

A Oposição considera um mau início essa sucessão de denúncias e teme que delas resulte clima altamente negativo no qual a Oposição, que está fora das escaramuças, termine por ser o alvo das represálias. A por enquanto pequena guerra de posições entre governadores e bancada do PMDB está atenuada pela convivência e o desejo de delimitar faixas operacionais que assegurem ao mesmo tempo a autenticidade da representação oposicionista e a abertura de um diálogo na área administrativa de utilidade para os governadores eleitos pela Oposição.

Os Governadores do PMDB procuraram identificar nos primeiros dias nas medidas governamentais de delimitação de áreas federais nos Estados que os partidos de Oposição passaram a dominar uma opção do Planalto no sentido de eleger o Governador Leonel Brizola como o verdadeiro inimigo. Embora tal idéia não fosse totalmente tranqüilizadora, temia-se no PMDB que dela resultasse uma supervalorização do Governador do Rio de Janeiro e sua maior projeção como expressão do espírito oposicionista que tem como dominante.

Com relação à instalação do Congresso e às festas a que dá lugar numa Brasília repentinamente eufórica, o episódio se prolongará hoje com a eleição da Mesa das duas Casas Legislativas e algumas reuniões de bancadas ainda programadas.

O elenco é em parte conhecido, mas antes de registrar as estrelas que ressurgem ou surgem, cabe assinalar, nos dois lados da trincheira, duas ausências lamentáveis, a do Senador Paulo Brossard e a do Deputado Célio Borja, tão representativos da elite parlamentar das duas últimas legislaturas. Mas o PDS, para começarmos com o partido maior, apresenta no Senado pelo menos duas estrelas, o embajador Roberto Campos, ex-Ministro do Planejamento, e o Sr Marco Antônio Maciel, ex-Governador de Pernambuco e ex-presidente da Câmara. Ao lado deles cinco Governadores do último período chegam ao Senado, os Srs Virgílio Távora, do Ceará; Guilherme Palmeira, de Alagoas; João Castello, do Maranhão; e Márculo Miranda, de Mato Grosso do Sul; e Jorge Bornhausen.

O PMDB chega ao Senado também com três estrelas, o ex-Ministro Severo Gómes, e o professor Fernando Henrique Cardoso, de São Paulo, e o ex-Governador Mauro Borges, de Goiás. O PDT e o PTB — o primeiro reelegeu o Senador Saturnino — não tem o que registrar no Senado, mas na Câmara o PTB reaparece com Ivete Vargas e Gastone Righi, ambos cassados em 1964, e o PT manda como sua primeira estrela o Sr Eduardo Suplicy de Lacerda.

Para a Câmara as novidades do PDS são menores do que as do PMDB, o que é natural, pois o primeiro reduziu seus quadros e o segundo os aumentou. No PDS teremos o ex-Governador Paulo Maluf, o ex-Governador Rondon Pacheco, o ex-Ministro Pratini de Moraes, que disputou seu primeiro cargo político, o ex-Governador da Paraíba, Sr Tarcísio Buriti, o famoso Major Curió, o Sr Israel Pinheiro Filho e o ex-Governador Augusto Franco, de Sergipe.

A bancada de deputados do PMDB apresenta alguns nomes de peso político, a começar pelo ex-Governador Miguel Arraes, o ex-Governador João Agripino, egresso dos quadros revolucionários, o ex-líder Alencar Furtado, o Sr Jarbas Vasconcelos, o Sr José Aparecido de Oliveira, o Sr Fernando Santana, o ex-Governador da Arena, Irapuan Costa, o Sr Paulo Mincarone, de reminiscências navais, o Sr Cid Carvalho e o novato mas influente prócer pernambucano Egídio Ferreira Lima, além do presidente da seção de São Paulo e eficiente líder do PMDB até 1969, Sr Mário Covas.

O PDT manda alguns veteranos e alguns nomes expressivos como os gaúchos Floriceno Paixão, Aldo Pinto e Mateus Schmidt e os fluminenses José Colagrossi, Sebastião Nery (cassados) e José Frejat.

A língua de Juruna

O Deputado Juruna perguntou ao líder Marchezan em que língua devia falar na Câmara. O líder respondeu: "Na língua em que você pediu votos".

Não é Maluf

Reitera o Deputado Flávio Marcílio que, como candidato a presidente da Câmara, não representa a corrente Maluf. Antes da presença do ex-Governador de São Paulo na Câmara, ele, Marcílio, já por duas vezes se elegera presidente da Mesa.

Carlos Castello Branco